

A Ecosofia e o Fenômeno Estético: Reflexões a Partir do Imaginário em Maffesoli e Nietzsche

Ecosophy and the Aesthetic Phenomenon: Reflections from the Imaginary in Maffesoli and Nietzsche

Eduardo Portanova Barros¹

Antônio César Santos Fonseca²

Resumo: Em “Ecosofia: Uma ecologia para o nosso tempo” (2021), o filósofo francês Michel Maffesoli, autor de abordagens no campo do que ele considera um tempo pós-moderno, aprofunda, aqui, um dos seus temas recorrentes - não com a ênfase dada nesta obra - de outros ensaios. Desta vez, Maffesoli celebra uma visão holística da sociedade dita pós-moderna, com mais ou menos consenso, e que, por meio de um neologismo (“ecosofia”) dialoga, no nosso entender, com Friedrich Nietzsche (1844-1900) e seu fenômeno estético da “vida como obra de arte”. Trata-se, daí nossa escolha, de uma das teses centrais do filósofo alemão no sentido de suas considerações extramoriais (ou “extemporâneas”) presentes ao longo de sua existência até seu colapso mental dos anos 1890.

Palavras-chave: Ecosofia; Michel Maffesoli; Imaginário; Friedrich Nietzsche

¹ Pós-Doutorado pelo PPGSCF - Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE-PR). Membro do GEIPaT - Grupo de Estudos de Imaginário, Paisagem e Transculturalidade (CNPq/UFG) e do GRES - Groupe de Recherche sur l'Espace et la Socialité (CeaQ/SORBONNE). E-mail: eduardoportanova@hotmail.com

² Doutorando em Processos e Manifestações Culturais - FEEVALE - RS (2022). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - RS (2016) Bolsista FAPERGS, Especialista em Projetos Sociais e Culturais - Políticas Públicas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008), Graduado em História pelo Centro Universitário Metodista IPA (2007). E-mail: fonsecahistoria@yahoo.com.br



Revista Interdisciplinar

Abstract: In “Ecosofia: An ecology for our time” (2021), the French philosopher Michel Maffesoli, author of approaches in the field of what he considers a postmodern time, here delves into one of his recurring themes - not with the emphasis given in this work - from other essays. This time, Maffesoli celebrates a holistic vision of the so-called postmodern society, with more or less consensus, and which, through a neologism (“ecosofy”) dialogues, in our understanding, with Friedrich Nietzsche (1844-1900) and his aesthetic phenomenon of “life as a work of art”. This is, hence our choice, one of the central theses of the German philosopher in the sense of his extramoral (or “extemporaneous”) considerations present throughout his existence until his mental collapse in the 1890s.

Keywords: Ecosofy; Michel Maffesoli; Imaginary; Friedrich Nietzsche

INTRODUÇÃO

É de Friedrich Nietzsche (1844-1900) a ideia de uma filosofia trágica (no sentido grego de algo incontornável em vida, como a consciência da morte, por exemplo) sobre a qual o sociólogo francês Michel Maffesoli se debruça, já o admitiu, em sua obra. Trata-se antes, para Maffesoli, de uma questão de sensibilidade que não a lógica hegeliana pura e racional. Nietzsche, pois, que abalou a moral judaico-cristã com suas “considerações inatuais”, teria sido, por sua originalidade, o autor que mais influenciou Maffesoli, e ainda o inspira, como em, por exemplo, “Homo eroticus” (2012, ano da edição francesa, no original). É dessa relação entre Maffesoli e Nietzsche, pois, que tratamos aqui por meio de outro livro, como o que segue, e que passou meio que despercebido do mundo acadêmico: “Ecosofia: Uma ecologia para nosso tempo” (2021). Despercebido, mas, nem por isso, menos importante em se tratando de Maffesoli.

Começemos pelo próprio termo “ecosofia”, que, até certo ponto, parece flertar com outro, o holismo, que nos servirá de alavanca “metodológica”, neste artigo, por se tratar de uma das

Revista Interdisciplinar

facetas recorrentes nos últimos trabalhos de Maffesoli (Graissesac, França, 1944-)³. Isso porque “Ecosofia” (2021) segue, a exemplo de outros livros mais recentes de Maffesoli⁴, um forte apelo místico, no sentido de uma abordagem até - por que não? - metafísica, de certa forma, o que tem sido, nos últimos anos, um dos traços mais claros, paradoxalmente falando, da obra maffesoliana. Um Maffesoli que, desde sempre, é sociólogo (daí o paradoxo). Façamos uma ressalva, a de que o “metafísico” maffesoliano, algo pouco mencionado em textos sobre ele, tem um viés prático (como o é, normalmente, a sociologia) e, portanto, fenomenológico, conforme Heidegger, que veremos adiante. Heidegger, diga-se de passagem, que, além de Nietzsche, também é uma referência para Maffesoli⁵. Mas Heidegger, neste momento, não é nosso foco.

Portanto, nesta que é uma de suas fases, que só reforça o caráter plural de suas reflexões, Maffesoli traz um neologismo como o de “eco+sofia”, aquele de uma “casa comum”, imemorial, arcaica, mítica. Sim, Maffesoli trata do cotidiano. E do mito, o de um tempo narrado, mas, principalmente, vivido aqui, como na ideia de “vontade de potência”, em Nietzsche. Trata-se (de novo e propositalmente), ainda, de uma natureza viva (daí “eco”) confluindo com “sofia”, sabedoria, para o melhor e o pior. Para Maffesoli, com efeito, “ecosofia”, resumidamente, indica a natureza de um pós-moderno holístico, mas longe de ser apaziguado, porque, como sempre em Maffesoli, ele absorve a nada inerte filosofia nietzschiana da “vida como obra de arte”⁶. Portanto, tratar de Maffesoli é tratar de Nietzsche. O estilo deste “Ecosofia”, como de costume, é ensaístico. O texto flui quase como um romance (mas não é obra de ficção).

³Michel Maffesoli é professor emérito da Sorbonne (Université de Paris V), membro honorário do Instituto Universitário da França, diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano (CEAQ) e do Centro de Pesquisa sobre o Imaginário (CRI-MSH). Fundador da revista internacional de ciências humanas *Sociétés* (Éditions De Boeck, Louvain) e *Les Cahiers Européens de l'Imaginaire* (CNRS Éditions). Autor de diversos livros, entre eles “O tempo das tribos” (2000), “A contemplação do mundo” (1995), “No fundo das aparências” (1996) e “Elogio da razão sensível” (1988). Considerado um expoente da noção de neotribalismo e de uma Sociologia do Cotidiano pelo viés do antropólogo e mitólogo Gilbert Durand.

⁴“A palavra do silêncio” (2019) ou “A nostalgia do sagrado” (2020).

⁵Em Heidegger, fenomenologia é “[...] uma necessidade real”, conforme ele explica em “Ser e tempo” (2015, p. 66). Isto é, o modo dos objetos, e não a qualidade deles: “O *como* dos objetos” (idem). Daí se origina a Sociologia do Cotidiano, em Maffesoli.

⁶Em “Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres” (2005), originalmente escrito em 1878, Nietzsche, no Capítulo 4, trata “Da alma dos artistas e escritores”, no qual faz referência ao fato de que “[...] o artista não quer, absolutamente, ser privado das brilhantes e significativas interpretações da vida, e se guarda contra métodos e resultados sóbrios e simples”. Daí extraímos a expressão mencionada acima.

Revista Interdisciplinar

Pode não parecer, mas Maffesoli possui um método (*methodus*), que é, justamente, prosseguir, caminhar: “en-caminhar-se”. A metáfora é um caminho. A analogia é um caminho. A alegoria é um caminho. Nietzsche, até, é um caminho. O paradigma, em Maffesoli, NÃO é um caminho como norma. A norma, conforme Kuhn (1996), é sempre datada. Até que um modelo alternado a modifique. O marxismo, por exemplo, foi norma, bem como o estruturalismo dos anos pré-Foucault. Porém, no pós-moderno, algo, ainda em curso, por causa de sua própria natureza plural, sublima o tempo anterior, mas que se confunde com o presente. E o passado. E o futuro. Tudo se mistura. Se existe algo no que se apoiar para ler Maffesoli neste “Ecosofia” (2021) é a compreensão de que temos diante de nós não um sociólogo forjado na ciência “comtiana” (derivada de Auguste Comte⁷) do “espírito positivo” e do “método” (no sentido conceitual do termo), mas um pensador de amplitude (para não dizer anárquico⁸).

Anárquico, dizíamos. Maffesoli é um sociólogo pluralista, portanto, porque, a exemplo de Nietzsche, talvez sua maior influência, justifica-se senão como pensador estético de uma filosofia de vida (*lebensphilosophie*) anárquica, ou seja, sem grades conceituais. E essa mesma “ecosofia”, Maffesoli já antecipava em outro livro, “A ordem das coisas” (2016). Dizia ele que era “[...] interação, reversibilidade e outra ‘religação’... [como] forma pós-moderna que assume a conjunção e ser religado ao outro da natureza (cosmo), da tribo (microcosmo), do sagrado (macrocosmo)” (MAFFESOLI, 2016, p. 201). “Ecosofia” (2021) justifica-se, portanto, como fenômeno de uma “ética da estética”, uma de suas reflexões de caráter existencialista, um existencialismo de inspiração heideggeriana, retomando-a (essa inspiração) como *dasein* (o “ser-aí”). E Heidegger, que trata de fenomenologia como o que se dá a ver, é o lado, digamos, mais transcendental e holístico, como sustentamos neste artigo, de Maffesoli. Seguimos.

ECOSOFIA, NATUREZA E CULTURA

⁷ 1798-1857.

⁸ Sem uma imposição vertical, mas por afinidades eletivas. “An”=sem. “Archos”=líder (do grego).

Revista Interdisciplinar

Porém, o lado de Maffesoli mais pragmático não é o Heidegger, mas Nietzsche. Nietzsche é que inspira Maffesoli a refletir sobre a unidade (ou o monoteísmo), o longínquo (ou o além) e a separação (ou a dialética). Separação, por exemplo, já que o tema é “ecosofia”, da natureza e da cultura. A lógica da separação é real (como lógica, não como transcendência). O mundo universitário, por exemplo, procura se distinguir em disciplinas. Se certo ou errado, não vem ao caso, mas, querendo ou não, separa-se. Neste “Ecosofia” (2021), Maffesoli, que já foi mais sociológico do que aqui, neste livro, como, por exemplo, em “Dinâmica da violência” (1987), livro esse que apareceu em francês, originalmente, em 1984, mas só chegou três anos depois no Brasil pela Vértice, em 1987, buscou, com “Ecosofia” (2021), não o existencialismo filosófico puramente heideggeriano. Antes do que uma visão existencialista do mundo, o que vemos são “[...] os contágios afetivos, nos sentimentos de pertença, nas emoções e indignações coletivas” (MAFFESOLI, 2016, p. 201).

Essa pequena nuance entre um tema e outro, entre o existencialismo e o afeto, duas menções caras ao atual momento globalizado que atravessamos, não desvia Maffesoli de uma Sociologia do Cotidiano e do viver-junto “societal”. Uma questão de método que Maffesoli defende é o de uma experiência sensível por meio do que ele denomina “iniciação”. Uma “iniciação” a um modo de pensar orgânico. Maffesoli reúne, portanto, o termo “ecosofia” junto a uma abordagem estética. O indivíduo do Contrato Social (o contratualismo), que se discute em decorrência das várias revoluções, como a de 1789, na França, e a queda do regime monárquico, *emerge*, hoje, segundo Maffesoli, em outro contexto, o pós-moderno, não mais o de um mundo desenhado pelo racionalismo da física mecânica, nos dois séculos anteriores, mas um, agora, universo holístico, orientado pela questão de uma fenomenologia “ecosófica” do planeta (Gaia). Trata-se de uma troca entre a estética oriunda da relação entre o Eu e o Outro.

Vejamos o seguinte. Nietzsche afirma que “[...] a existência do mundo não se pode justificar senão como fenômeno estético” (2002, p. 26). Este exato modo de pensar é semelhante à ideia em Maffesoli de *não-racional* (o que não quer dizer *irracional*), que atravessa a obra do filósofo alemão

⁹ Modo orgânico das efervescências coletivas, diferentemente, para Maffesoli, de “sociabilidade”, que ele, praticamente, não usa.

Revista Interdisciplinar

natural de Röcken. Conforme uma de suas cartas de 1868 a Sophia Ritschil, para sermos ainda mais enfáticos, Nietzsche caracteriza-se como um filósofo com “[...] inclinação para a dissonância” (1944, p. 84). O termo “inclinação” é um traço, possivelmente, desse “não-racional”, agora dissonante, nas palavras de Nietzsche, de que trata Maffesoli. Ele prefere, por outro lado, observar as atitudes coletivas como exemplos dessa natureza não-racional, pois carregariam uma lógica interna delas mesmas. Os exemplos são vários, para Maffesoli, especialmente sobre revoltas populares, como as motivadas por restrições, no seu tempo, à livre circulação de pessoas (estando ou não infectadas) devido à Covid-19.

A tese de Maffesoli, em suma, é a de que um “deslizamento” perceptível, pelo menos para ele, Maffesoli, entre um determinado período, o da Modernidade (caixa alta, para nós), para outro, o *pós-moderno*, que precisa ser *dito* (aqui, o “dito” tem um aporte claro na fenomenologia heideggeriana) ou, no limite, expresso. Historicamente falando, Maffesoli considera que a Modernidade começa no século XVII e termina – de forma teórica - na metade do século XX. Maffesoli, pois, oferece abordagens transversais. Podemos, a título de exemplo, mencionar a inclusão na sua obra do positivismo de Auguste Comte, que o inspirou a refletir sobre duas questões que “dialogam” com a sua tese “ecosófica”: um “poder espiritual” e um “acordo dos espíritos”. A isso Maffesoli irá denominar como estilo de caráter *proteiforme* - aquilo que assume diferentes formas -, não só em relação ao positivismo, mas de um leque ainda mais amplo referente ao “societal” (que não é, para Maffesoli, “sociabilidade”, esta de caráter mais mecânico e, portanto, rígido).

INCLUSIVISMO E FILOSOFIA

Autor identificado, também, com Michel Foucault (1926-1984), Maffesoli pode surpreender. O inclusivismo maffesoliano reveste-se de um caráter transdisciplinar (para não dizer anárquico). Epistemologicamente falando, a lógica do “dever-ser”, em Maffesoli, falha por ser de natureza apriorística. Maffesoli trata daquilo que está posto, do que se vê – o viés fenomenológico

Revista Interdisciplinar

heideggeriano - nas diversas manifestações de agrupamentos sociais (um “tempo das tribos”). O “dever-ser” de viés epistemológico é, ainda para Maffesoli, o contrário de uma chamada “sociologia compreensiva”, oriunda, conforme ele, do alemão Max Weber (1864-1920), um autor recorrente em Maffesoli, e de seu caráter relativista. Além de sua função heurística, porque enriqueceria a tentativa exploratória e aumentaria a propensão para a descoberta, o relativismo não só maffesoliano, mas genericamente falando, despreza certezas e modismos. Assim como em “Ecosofia” (2021). Para Maffesoli, metodologia, seja ela teórica ou empírica, é um princípio interpretativo, “nocional” (derivado de *noção*, e não de um *conceito*).

Weber, por exemplo, em “Conceitos básicos de Sociologia” (2002), ao explicar a origem do termo “compreensão”, mesmo se valendo de “conceitos”, pode gerar uma dúvida sobre se um *conceito* pode ter ou não um *fundamento aberto*. Mas, para além disso, uma epistemologia de viés “compreensivo” pode ser tanto empírica (direta do significado de um ato) ou explicativa, baseada na motivação. O valor que Maffesoli atribui ao termo “ecosofia”, voltando a ele, é semelhante aos (“conceitos”) de Weber, ou seja, tomado a partir de um passo “compreensivo”. Em vários outros casos que Weber relata em sua obra, o princípio da compreensão é o de uma análise interpretativa (WEBER, 2002, p.16). Afirmo ele que “[...] a sociologia tenta abranger também vários fenômenos irracionais, isto é, míticos, proféticos, espirituais, bem como afetivos” (WEBER, 2002, p. 32), corroborando Maffesoli. Vejamos outro exemplo. Em “Apocalipse: opinião pública e opinião publicada” (2010), Maffesoli reflete sobre o impulso (não tomando-o no sentido psicanalítico do termo). Aqui busca, livremente, um sentido autoral aos termos como “ecosofia” e, neste nosso exemplo, apocalipse.

Segundo o autor de “Elogio da razão sensível” (1988), apocalipse, para ele, Maffesoli, pode ser interpretado como uma “revelação das coisas” ou um recomeço, uma mutação para uma forma de pensar enraizada na cultura, o que ele considera o “Ser-aí” heideggeriano. E este “Ser-aí”, para Maffesoli, bebendo em Heidegger, significa o vitalismo (agora em Nietzsche) sobre o qual Maffesoli se debruça para sustentar suas teses, todas elas explícitas nos títulos de seus livros, inspirados, como epítomes, por Nietzsche, e que procuram um antagonismo complementar. O complemento de termos contraditórios é um estilo de Maffesoli, como nos casos de *instante eterno*,

Revista Interdisciplinar

fundo das aparências e razão sensível. Essas figuras de linguagem são denominadas oximoros e aludem às teses de outro filósofo – além de Nietzsche - de sua preferência, que é, como já vimos, Martin Heidegger (1889-1976), para o qual o homem é um ser no seu tempo, o que não é o caso de aprofundarmos aqui.

Outra reflexão salutar neste “Ecosofia” (2021) relacionada à Nietzsche, voltando a ele, é, mais especificamente, sobre a teoria dele, Nietzsche, a respeito do pensamento do “trágico” entre os gregos - aquele “trágico” no qual um pessimismo, o do “[...] mito trágico, a representação de tudo quanto há de terrível, de cruento, de fatal, no fundo de tudo quanto é vivo” (NIETZSCHE, *op.cit.*, p. 24). O trágico, porém, não surge do nada, isolado, mas deriva do seu exato oposto, a *alegria*. Para Maffesoli, é importante distinguir entre o trágico e o dramático, oposição inspirada pelo “primeiro” Nietzsche entre Dionísio (o deus do vinho e da embriaguez) e Apolo (o deus da razão soberana). No drama, para Maffesoli, em linhas gerais, há sempre uma ação para ser resolvida, característica da concepção judaico-cristã, e possibilidade, por exemplo, no marxismo, conforme Maffesoli. Dramático, no entender dele, também é o político de matriz ideológica, que hoje, na opinião de Maffesoli, encontra-se *trans*-figurado.

TRÁGICO: O INSTANTE ETERNO

E o instrumento lógico do drama, seguindo com o que falávamos acima, é uma dialética do tipo tese, antítese e síntese. Uma dialética da resolução. Em outras palavras, o drama é o modo de pensar oficial, de acordo com Maffesoli. Todo o resto, porém, inspirado que fora por Nietzsche, é trágico, segundo Maffesoli, o que ele denominou *instante eterno*. Nietzsche, pois, seria, para Maffesoli, o grande pensador trágico da filosofia no Ocidente. Durante o período “moderno”, ainda, prevaleciam os termos apolíneo, assepsia, emancipação (do mal e da desordem), indivíduo, dominação, poder, progresso, moralismo, verdade, risco zero, racionalismo, ascetismo, utilidade e autonomia. Já no pós-moderno, por outro lado, conforme Maffesoli, observamos situações relacionadas aos termos como dionisíaco, ambivalência, complexidade, sedução, holismo,

Revista Interdisciplinar

comunhão, onírico, *dialogia* e, portanto, este termo “ecosofia”. A oposição parece clara entre o apolíneo da Modernidade e o dionisíaco no pós-moderno¹⁰.

Entretanto, mesmo que opostas, as duas listas mencionadas acima também podem se justificar por uma relação direta entre elas no sentido de um contraste que possuem entre si nos termos de um fator T (Terceiro Incluído) que ultrapassa o aparente binarismo. Acreditamos nós que, mesmo não sendo exatamente essa a interpretação de Maffesoli para o “moderno-pós-moderno” - isso porque o termo Terceiro (“incluído” ou “excluído”) remeteria a um Maffesoli ideológico ou, no limite, politicamente correto, o que ele se recusa a sê-lo -, poderíamos admiti-la com a expressão latina *coincidentia oppositorum*¹¹. Maffesoli, por sua vez, caracterizou o pós-moderno, no qual se insere a “ecosofia”, como uma sensibilidade alternativa aos valores sustentados pela lógica de cunho racionalista¹². Trata-se, segundo Maffesoli, de um “espírito do tempo” ou de um imaginário como conector de toda representação humana e que se situa, aqui, na linhagem de Gaston Bachelard e Gilbert Durand¹³.

Abrimos parênteses para tratar de um imaginário maffesoliano sob o enfoque de seu mestre e orientador Gilbert Durand. Para Durand (1989), tais mitos e símbolos fazem parte da base antropológica, em que a significação histórica é construída. Ainda segundo Durand, os pensamentos são como que uma re-presentação, mas transformada, esta, por articulações simbólicas, e o imaginário, por sua vez, nada mais é do que o ponto de junção para aquelas representações, que, ao se reunirem, constituem isso que se denomina, para ele, Durand, o imaginário, **agora** como *símbolos*. A partir dessas representações, as imagens aparecem como uma

¹⁰ “Estes dois instintos impulsivos [os espíritos apolíneo/dramático e dionisíaco/trágico] andam lado a lado e na maior parte do tempo em guerra aberta, mutuamente se desafiando e excitando para darem origem a criações novas” (NIETZSCHE, 2002, p.39).

¹¹ Cf. Nicolau de Cusa (1401-1464), um filósofo alemão, referindo-se ao par Deus e universo, porque ambos, dialética e conjuntamente, apresentam características contraditórias.

¹² In: “No fundo das aparências”. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 26.

¹³ Segundo Durand, as preocupações atuais que gravitam em torno do mito ressurgiram no quadro de uma “zona de alta pressão imaginária” (1982, p. 15). Para ele, “[...]começou progressivamente com a eflorescência romântica no século XIX e, nos nossos dias, certamente, os meios audiovisuais, sobretudo o cinema, amplificaram este clima” (DURAND, 1982, p.15). Assim como quer Durand, nossa metodologia, por meio da *mitodologia* (com “i” de mito), procura, mas ainda de forma incipiente, o contexto de imagens (no duplo sentido da expressão, tanto pelo viés da iconicidade quanto no da imaginação) significativas do que é representado pelo termo “ecosofia”, em Maffesoli.

Revista Interdisciplinar

espécie de convenção para que sejam consideradas simbólicas. O imaginário, portanto, é o sistema organizador de tais imagens, verbais ou não verbais e da relação entre elas. Porém, para haver o nascimento de tais representações, emerge um trajeto antropológico, ou seja, uma relação constante que necessita existir entre o sistema biológico, psíquico e social do ser humano com o meio cósmico e social.

O trajeto antropológico percorre, portanto, os níveis mental, social e natural. Ao “fim” desse percurso, as imagens tornam-se, para além e aquém do conceito, simbólicas. Dentro desse “trajeto”, a parte biológica refere-se aos reflexos dominantes (verticalidade, deglutição e cópula), os quais estruturam de forma inicial os símbolos no imaginário. Tais reflexos são materializados no imaginário pelos arquétipos postulados por Jung. Para ele, arquétipos são definidos como imagens universais provenientes do inconsciente coletivo da humanidade. O arquétipo do herói é um exemplo de imagem universal relacionada à cultura, ou seja, um símbolo. As imagens são constelações de regimes ou noturno, que, por sua vez, possuem características específicas que se diferenciam entre si. No caso específico do arquétipo de herói, o regime mais dominante é o diurno, apenas como exemplo, pois evoca o gládio, a espada, a força, o titanismo.

Os regimes que se dividem, para Durand (1989), em diurno e noturno derivam, com efeito, dos três *schémas* matriciais, o separar (heroico), o incluir (místico) e o dramatizar (sintético), sendo que a base daqueles dois grandes regimes se encontra em dominantes digestivas, sexuais e ascensionais. Conforme Durand (1989), o regime diurno tem as características de ascensão (reflexo postural), remetendo ao vertical, subida, luz, sol, separação, combate, luta, fogo, contrastes, entre outros. O regime diurno, como estrutura heroica, pois, remete a um constante combate contra a morte e o tempo. A crítica de Maffesoli à Modernidade, essa de caráter “diurno” do imaginário, aponta para o monoteísmo (a redução da polissemia do real a um único valor), o longínquo (a verdadeira vida está em outro lugar) e à separação das coisas (a natureza é uma coisa diferente da cultura).

Em contraposição àquelas três correntes, Maffesoli aposta neste imaginário “ecosófico” (tomar aquilo que fora separado). Usufruir-se aqui-e-agora (*carpe diem*).

Ao colocar em relação, o relativismo leva em conta o policulturalismo e a polissemia. Retomando um termo da Sociologia Compreensiva, é o que se chama *politeísmo de valores* (expressão weberiana). A reacentuação das formas leva ao relativismo. Insisto na necessidade de ‘pôr em relação’. É uma outra maneira de pensar o equilíbrio e a harmonia (Maffesoli em comunicação oral, 2006)¹⁴.

Falemos, para começar, de algumas características de Gilbert Durand. Ele comentou em Éranos I (2003), uma compilação dos seminários no Círculo de Eranos, que era preciso reforçar a ideia de “trajeto antropológico”, a fim de *estabelecer* definitivamente (esse foi o sentido expresso por ele com o termo “régler”) as diferenças entre culturalistas e psicólogos. De fato, não se trata de igualá-las, e sim “estabelecer” [limites]. A expressão que Durand utilizou para reforçar o “trajeto antropológico” foi “círculo antropológico”, no sentido de que nenhuma ciência humana especializada pode se fechar nela própria - como queria a linguística ou a sociologia positivista - sem se referir, de modo *circular*, às outras ciências humanas. Referimo-nos ao “trajeto antropológico” por ser uma das noções mais usadas na obra sociológica maffesoliana. E fazemos questão de apontar: “sociológica”. Aqui temos a primeira distinção entre eles, a análise de “trajeto antropológico”.

Ambos se utilizam dessa expressão de Durand (dele, é bom salientar) para designar uma dialética (longe de um sentido acabado na síntese, mas como jogo recíproco de polaridades) entre, para Durand, as coerções objetivas e a subjetividade no homem, ou, para Maffesoli, o espírito e a materialidade. Parece o mesmo. Mas não. A diferença acontece, no entanto, naquilo que origina o pensamento de cada um deles. Durand traz suas referências a partir de um *imaginário* simbólico (e não “capital” simbólico) como constituição do ser humano. Maffesoli, por outro lado, debruça-se na realidade social, nas forças retroativas entre ação e sentimento. O exemplo mais claro disso que acabamos de expor é, em Maffesoli, sua ideia de tribalismo (2000). O tribalismo maffesoliano é uma observação factual de constituição de laços sociais. Para Durand, não. O tribal, nele, remete à formação do homem desde sua origem, antropológicamente falando, e não *a posteriori*, como no caso de Maffesoli.

¹⁴ Seminário Sociologia Compreensiva, PUCRS/maio de 2006 (Notas: Eduardo Portanova Barros).

Enxergar o pertencimento, pois, como vimos acima, é interpretar uma verdade, sem que ela se feche nela mesma. Esse é, precisamente, o sentido de circularidade. Para dar um exemplo, peguemos o termo latino “*imago*”, que significa imagem. Mas imagem, nos estudos do imaginário, é a representação (aqui não se refere ao signo) daquilo que vem diretamente da imaginação. Essa imagem, dita poética, emerge dali, da imaginação, e não de algum atributo que, forçosamente, damos a algo ou mesmo das visualidades (cinematográfica, televisiva, computacional). Logo, “*imago*”, em latim, divide-se – a grosso modo - em imagem visual e mental. Porém, a palavra tomou uma conotação única, e passou a designar, no geral, tudo aquilo que vemos. Continuando com o termo imagem, temos aqui a maior diferença entre Durand e Maffesoli: é a ideia de imaginação simbólica, para o primeiro, e a de símbolo, simplesmente, para o segundo. Não se trata apenas de um acordo tensional (espírito-matéria), na opinião de Durand.

SENSIBILIDADE ECOSÓFICA

O quarto capítulo deste “Ecosofia”, intitulado “Sensibilidade ecosófica”, apresenta, transversalmente, o que Maffesoli quer dizer, claramente, com o termo, sendo que: “[...] toda arte de viver não passa de uma eterna lei de adaptação, o que chamamos hoje em dia de ‘resiliência’ (MAFFESOLI, 2021, p. 93). Os recursos que Maffesoli utiliza em seus textos, geralmente, são a analogia e a metáfora. Trata-se, segundo ele, de duas maneiras que mais se aproximariam da verbalização de uma sensibilidade pós-moderna, conforme Maffesoli, que as usa junto com o grego e o latim. Podemos, nessa semântica maffesoliana, exemplificar com o coexistente de termos antagônicos. Isso quer dizer, pois, que são pares *dialógicos* de um imaginário que, para Maffesoli, é tanto real quanto assumi-lo no cotidiano. Maffesoli absorveu a ideia de um “trajeto antropológico” (Durand).

De novo: o “trajeto antropológico” é o percurso entre nossas mais íntimas pulsões, de caráter pessoal, com o viés racionalizante e objetivo da materialidade social. Imaginário que é, para Durand, “[...] faculdade de simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos

Revista Interdisciplinar

culturais jorram continuamente” (1998, p. 117). Não esqueçamos que toda a literatura maffesoliana tem um viés ensaístico de difícil “manuseio” para um ensino-aprendizagem, cartesiano. Voltando ao “trajeto antropológico”, a metáfora potomológica de “bacia semântica”, em Durand (1997), é, segundo ele, inundada por uma força emocional que – também - é racionalizadora. O ser humano vive, portanto, uma constante necessidade de equilíbrio entre as imposições do meio social e a sua própria subjetividade. Imaginário acaba sendo, além de mitológico, sempre social.

Se o imaginário é sempre social, não se pode mais falar em um Eu único, soberbo e todopoderoso. É preciso se colocar no lugar do Outro. “O Eu é outro”, insiste Maffesoli¹⁵, recuperando Arthur Rimbaud (1854-1891). O *dialógico* (termo caro a outro filósofo francês que é Edgar Morin, autor do também dialógico “Enseigner à vivre”, de 2014, e, no Brasil, publicado em 2015), no qual as partes são ao mesmo tempo complementares e antagônicas, é o sentido deste “Ecosofia” (2021), livro, desde já, entre os mais singulares da extensa obra maffesoliana no Brasil, hoje com cerca de 40 títulos publicados. Um Maffesoli que prefere não a rigidez dos *conceitos*, mas antes o pluralismo das *noções*, que produziriam um olhar mais “vagabundo”, “anárquico” e itinerante sobre a vida. “Ecosofia”, pois, é, para Maffesoli, em uma palavra: laço. Ou, como ele próprio afirma: “[...] interação contínua ou um *principium relationis*” (2021, p. 85).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma última e definitiva reflexão: Maffesoli é um autor transversal. Tomemos o exemplo dele mesmo a respeito do significado entre os termos “consumo” e “consumação”. Em “O *theatrum mundi* pós-moderno” (2021), no artigo intitulado “A sociedade de consumação”¹⁶, Maffesoli diferencia a “sociedade de consumo” (expressão mais recorrente e compreensível)

¹⁵ O sociólogo francês contextualiza as palavras de Rimbaud: “[a expressão] lembra que o indivíduo, longe de ser um átomo isolado, só pode existir e crescer quando assume um papel em um ambiente de comunhão” (1995, p. 79).

¹⁶ Referência do artigo original “*La société de consommation*” em: De Boeck Supérieur “Sociétés” 2006/4 n° 94 | páginas 9 a 17. ISSN 0765-3697 ISBN 2804151824 <https://www.cairn.info/revue-societes-2006-4-page-9.htm> Cairn.info pour De Boeck Supérieur. © De Boeck Supérieur.

Revista Interdisciplinar

daquela chamada por ele de “consumação”. São coisas diferentes: se “consumo” (nos) remete à questão econômica, no sentido de compra ou aquisição de algum bem material, já “consUmir-SE” é um ideal ao estilo do Romantismo alemão (segunda metade do século XVIII: a descoberta do Eu). É um entregar-se à vida, organicamente. Em francês, “consumação”, atentemos a esse fato, escreve-se desta forma: “consUmation”, com “u”, e não *consommation* (consumo), com “o” e dois “emes”. Maffesoli, e aqui terminamos, não trata, pois, de consumo material. Mas de um vitalismo próprio de um Eu afirmativo. Um Nietzsche, aqui.

Esse último exemplo pode ser análogo ao termo “ecosofia”, isso porque ambos os termos (“ecosofia” e “consumação”) vão além do só “ecológico” e do só “consumo” de teor objetivo e, no limite, ideológico. Este é um Maffesoli, aqui, ainda mais ensaístico do que seus primeiros livros, mas que não diríamos “diferente”, porque é próprio dele essa “sombra” dionisíaca como potência. E, finalmente, Bauman (2001), que também trata do pós-moderno no sentido de uma “modernidade líquida”, diz que, com essa mudança dos tempos, a fluidez da pós-modernidade faz com que o conceito de eterno dá lugar à chance do re-começo, da re-descoberta, uma vez que o indivíduo não fica mais preso a uma única identidade e cultura, mas muda (mais rápido do que antes) seus hábitos, rotinas e formas de agir, e isso afeta diversos aspectos na vida humana e na sociedade, o que Maffesoli, cuja obra é baseada no vitalismo nitzschiano, denominou, finalmente, de uma “ecosofia”.

Essa dinâmica contemporânea (ou pós-moderna) da cultura parte de uma *crítica*, por um lado, ao sistema globalizante como uma nova ordem de poder e do Estado-Nação como regulamentador dos fluxos de capital. Porém, de outro lado, se adotarmos o recurso à crítica plural ou “fraca”, teremos, e foi o que tentamos refletir neste artigo, um referencial próprio do pós-moderno como se trabalha na obra, entre outros, de Maffesoli. Isso porque, segundo ele, há como que um tipo de ajuste às situações cotidianas que ultrapassam o problema político ou, fundamentalmente, crítico pelorativo. Foi o que Maffesoli denominou Sociologia do Cotidiano ou uma “centralidade subterrânea” informal”. Um cotidiano antes dionisíaco, para usar a expressão de Nietzsche sobre a embriaguez do gesto criador, e menos apolíneo, contraponto ao *des-*

Revista Interdisciplinar

regramento. Se Dionísio era dúbio nas suas intenções, Apolo, ao contrário, não. Daí o contraditório.

Mas ambos, acima, como queria Nietzsche, no qual Maffesoli, epistemologicamente falando, se debruça, completam-se. A questão do imaginário pós-moderno, sob o viés do tribalismo maffesoliano, em todas as áreas e dimensões, volta à cena - quatro décadas depois de seu, digamos, início nos anos 1980 – e justo com um confinamento forçado por esse fato único na história da humanidade que foi a COVID-19. O momento, também, é o de um fascínio pela tecnologia digital (IA), fortalecendo essa mesma cultura que ora nos oprime, ora nos redime. Isso porque a tecnologia sempre nos definiu. Não é de hoje. É desnecessário, pois, rememorar o trajeto evolutivo desse homem tribal e tecnológico – com todas as suas facetas - até aqui. Além disso, essa cronologia não é o nosso propósito neste artigo. Parece-nos, isto sim, pertinente propor uma reflexão a partir da seguinte hipótese: a de um existencialismo antes nietzschiano (propositivo) do que sartriano (reativo) de um homem (autor do seu destino).

Maffesoli, com “Ecosofia”, retoma uma abordagem dialético-existencial, de viés não só sociológico ou filosófico, mas pluralista, que remete a um Nietzsche segundo o qual, mesmo parecendo dualista ao tratar, por exemplo, de Dionísio e/ou Apolo, ancorava-se no próprio daquilo que é contraditório para (re)afirmá-lo. Em uma determinada passagem de seu “Nietzsche” (2015), cuja primeira edição francesa foi a de 1965 pela PUF (*Presses Universitaires de France*), Deleuze coloca: “[Em Nietzsche] não opomos mais o devir ao Ser, o múltiplo ao Um. Pelo contrário, afirmamos o Um do múltiplo, o Ser do devir” (2015, p. 31. Trad. livre)¹⁷. Porém, um detalhe deve ser esclarecido no imaginário a partir de Maffesoli e Nietzsche. A forma é aberta. Não tratamos de uma revisão pormenorizada do livro de Maffesoli sobre “ecosofia”, mas antes daquilo que sinaliza o mesmo Nietzsche de um Zarathustra e de uma genealogia da moral. *Ecce homo*.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

¹⁷ Original em francês: “*On n’oppose plus le devenir à l’Être, le multiple à l’Un. Au contraire, on affirme l’ Un du multiple, l’Être du devenir*» (DELEUZE, 2015, p. 31).

Revista Interdisciplinar

CANDIDO, D.B.; INCERTI, F. (Orgs.). **O *theatrum mundi* pós-moderno**. O jogo da vida. A vida como jogo. Trad. Eduardo Portanova Barros. Curitiba: PUCPRESS, 2021.

CAVALCANTE, K. L. A Ecosofia de Félix Guattari: Uma Análise da Filosofia para as Questões Ambientais: The Ecosophy of Felix Guattari: An Analysis of Philosophy for Environmental Issues. **Cadernos Cajuína**, 2(2), 2024, 72–78. <https://doi.org/10.52641/cadcaj.v2i2.150>

DELEUZE, G. **Nietzsche**. Paris: PUF (“Quadrige”), 2015.

DURAND, G. **O imaginário**. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Introdução à Arquetipologia Geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, G. **Mito, símbolo, mitodologia**. Porto: Presença, 1982.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

MAFFESOLI, M. **Ecosofia: Uma ecologia para nosso tempo**. São Paulo: Edições SESC, 2021.

MAFFESOLI, M. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais; Edições Vértice, 1987.

MAFFESOLI, M. **A ordem das coisas**. Pensar a pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense, 2016.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1995.

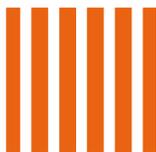
MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

MORIN, E. **Enseigner à vivre: manifeste pour changer l'éducation**. Paris: Actes Sud, 2014.

MAFFESOLI, M. **Apocalipse**. Opinião pública e opinião publicada. Porto Alegre: Sulina, 2010.

NIETZSCHE, F. **A origem da tragédia**. Lisboa: Guimarães Editores, 2002.



NIETZSCHE, F. **Despojos de uma tragédia**. Cartas inéditas. Porto: Editora Educação Nacional, 1944.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**: Um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WEBER, M. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 2002.

